

“Eh pá, mister, não me posso mexer e de certeza que não vou viajar.” E ele, “tens de ir”, “o cachet”. Eu continuava a dizer-lhe que não podia e desliguei. Ligam-me outra vez, era o Artur Jorge. “O que é que estás a fazer, tens de vir.” E eu, “Mister, não posso.” Ele continuava a insistir: “Vem já para aqui, mete-te num táxi.” Respondi que não saía dali, até que voltam a ligar e veio o Pinto da Costa. “Paulinho, o que é que se está a passar?”

relato



relato
hugo vinagre e tiago beato



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Índice

Introdução 9

Relvado 11

André Campos	13	Hugo Leal	73
Antchouet	17	Isaías	75
Artur	19	Ivkovic	77
Balakov	23	João Coimbra	81
Basaula	25	João Peixe	83
Bock	27	João Vieira Pinto	85
Bruno Paixão	31	Jorge Andrade	87
Cândido Costa	33	Luís Vidigal	89
Carlos Saleiro	35	Luís Zambujo	91
Carlos Xavier	37	Manuel Fernandes	95
Cháinho	39	Manuel José	97
Constantino	41	Marco Aurélio	99
Dani	43	Matt Jones	103
Daúto Faquirá	45	Mauro Airez	105
Dinis	49	Mozzer	107
Diogo Luís	51	Nélson	111
Douala	53	Padrão	113
Fernando Aguiar	55	Paulo Grilo	115
Fernando Ferreira	57	Pepa	119
Fernando Mendes	59	Shéu	121
Fernando Tomé	63	Simão Costa	123
Futre	65	Toni	125
Gáúcho	67	Tozé Marreco	127
Hassan	69	Vata	129
Hilário	71	Veloso	131

Bancada 133

Álvaro Costa	135	José Manuel Freitas	195
Ana Dias	137	José Nunes	199
António-Pedro Vasconcelos	139	Luís Aguilar	201
António Raminhos	143	Luís Freitas Lobo	203
António Tadeia	145	Manuel João Vieira	207
Avô Cantigas	147	Marco Rodrigues	209
Carlão	149	Mastiksoul	211
Carlos Daniel	151	Nicolau Breyner	213
Carolina Torres	153	Nilton	215
Cuca Roseta	157	Nuno Artur Silva	217
DJ Poppy	159	Nuno Calado	219
Domingos Amaral	161	Nuno Madureira	223
Fernando Ribeiro	165	Paulo Garcia	225
Francisco Mendes	167	Pedro Abrunhosa	227
Fred	169	Pedro Górgia	231
Gonçalo Morais Leitão	171	Pedro Sousa	233
Gonçalo Ventura	173	Pete Tha Zouk	235
Hugo Sousa	175	Rui Gomes da Silva	237
Inês Meneses	177	Rui Malheiro	239
Jel	179	Rui Miguel Tovar	243
João Moreira	181	Rui Pedro Tendinha	245
Joaquim de Almeida	183	Rui Sinel de Cordes	247
Joaquim Evangelista	185	Salvador Martinha	249
Jorge Gabriel	191	Tó Trips	251
José Cid	193	Valéria Carvalho	253

Introdução

Este não é mais um livro sobre futebol. Aliás, nem é propriamente um livro sobre futebol, como uma biografia de uma figura emblemática ou evocando os inesquecíveis feitos de um clube. Relato é um livro de histórias, essas sim, todas sobre futebol. Os protagonistas são as figuras que todas as semanas fizeram a história do desporto-rei, dos jogadores lendários a figuras de equipas mais pequenas que viveram aventuras grandiosas, passando pelos treinadores e pela recordação de enormes nomes que já partiram. Isto sem esquecer quem se senta a assistir a tudo isto, entre actores, músicos, humoristas ou escritores, transmitindo a visão de quem está do outro lado e tem recordações ligadas ao futebol que marcaram as suas vidas.

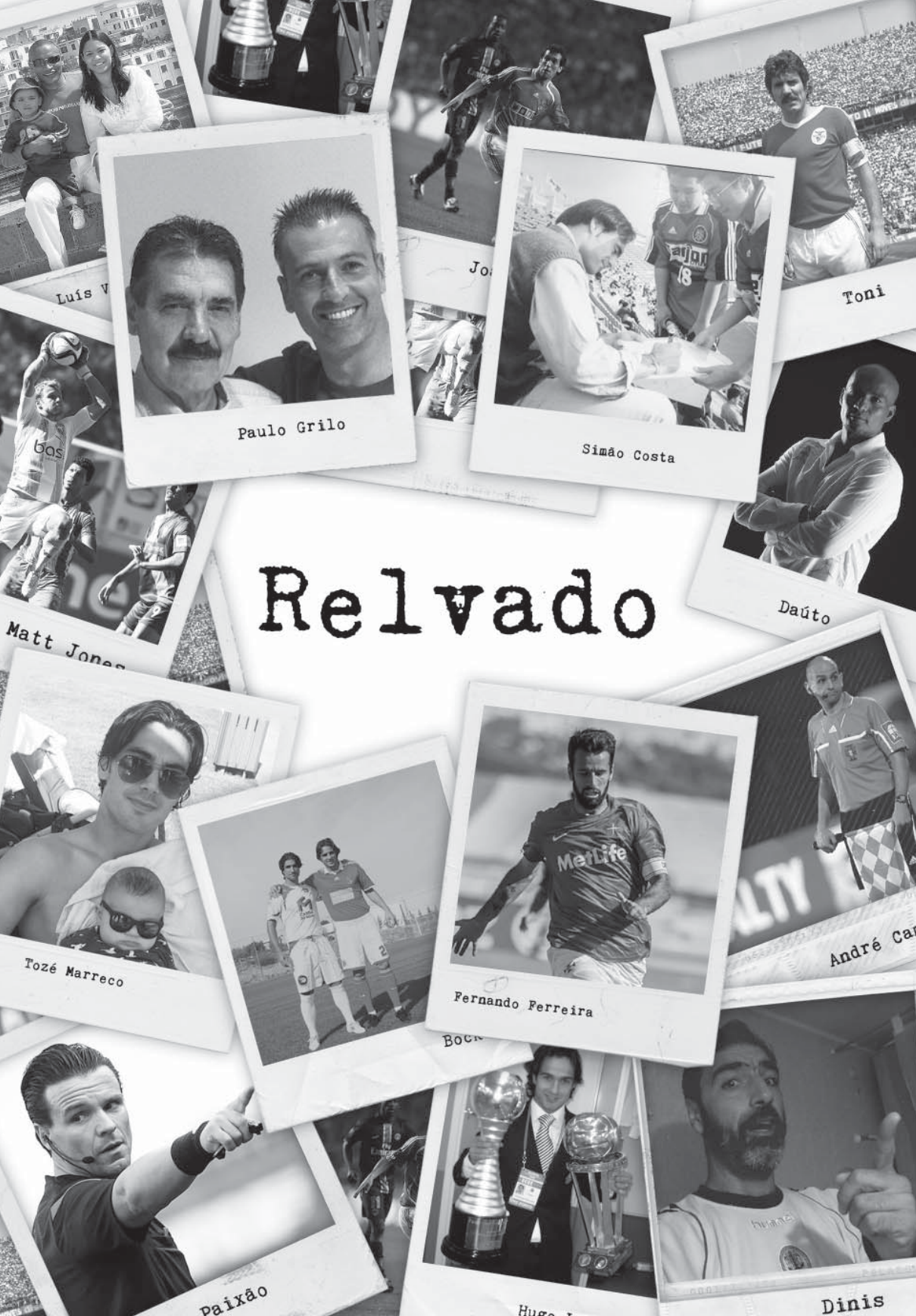
Relato é um produto dos dias de hoje, nascido na Internet apenas com a ambição de reunir testemunhos e partilhá-los com o público. Felizmente, cedo provámos ter feito a aposta certa, num projecto diferente e que conquistou rapidamente os corações de quem liga a outras coisas além do penálti que ficou por marcar e do golo em fora-de-jogo. O que tem entre mãos é um resumo do seu primeiro ano de existência, enriquecido através de duas dezenas de histórias inéditas.

Saiba como foi o primeiro estágio de Cândido Costa no FC Porto, partilhando o quarto com Paulinho Santos, ou quando a jovem Carolina

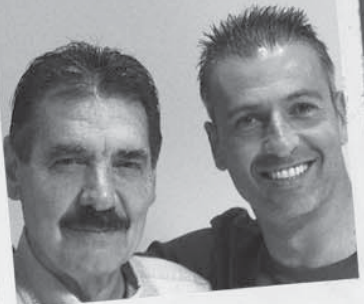
Torres trabalhava no Dragão e se cruzou com Pinto da Costa. Leia sobre a relação entre Dani e Van Gaal, mas também sobre a visita de António Raminhos à Luz, na fase em que era jornalista. E sabia que Luís Vidigal teve a mala feita para jogar no Real Madrid? São 100 histórias, com destaque para as inéditas de Balakov, Bruno Paixão, Fernando Mendes, Futre, Ivkovic, João Vieira Pinto, Marco Aurélio, Mozer, Shéu, Veloso, António-Pedro Vasconcelos, Joaquim de Almeida, Jorge Gabriel, José Nunes, Luís Freitas Lobo, Manuel João Vieira, Nicolau Breyner, Nuno Madureira, Pedro Abrunhosa e Salvador Martinha.

Queremos deixar o nosso enorme agradecimento a todos os nossos convidados que se mostraram disponíveis para partilhar uma história connosco e com os nossos leitores. Sem vocês nada disto seria possível.

Seja porque nos apoiou desde o início e quer ficar com esta versão para mais tarde recordar, quer o Relato tenha acabado de despertar a sua atenção, ou até esteja a comprar este livro para oferecer a alguém que vá desfrutar tanto ou mais destas histórias, fica desde já o nosso agradecimento e a promessa de que vamos continuar a trabalhar para que as histórias do nosso futebol cheguem a um número cada vez maior de apreciadores das mesmas. E, como tal, do Relato.



Luis V



Paulo Grilo



Jo



Simão Costa



Toni



Matt Jones



Daúto



Tozé Marreco



Fernando Ferreira



Boc



André Car



Paixão



Hugo



Dinis

André Campos

Duas das minhas grandes paixões na vida são ver futebol e viajar. Sempre que possível gosto de juntar as duas. Em Dezembro de 2010 dei “um saltinho”, de miniférias, a Istambul. Uma cidade fantástica, dividida entre a Europa e a Ásia, onde se sente o peso da história a cada esquina. Numa das manhãs, assim que saí do hotel, comecei a ver muitas pessoas com a camisola do Galatasaray vestida e “cheirou-me” que ia haver “bola” nesse dia. Sempre ouvi dizer que os turcos são fanáticos e a ideia de ir ao futebol na Turquia pareceu-me boa! À hora de almoço regresssei ao hotel e perguntei ao recepcionista com quem é que o “Gala” jogava nessa noite e onde é que se conseguia arranjar bilhetes. O tipo foi super simpático! Lá me conseguiu dizer que o jogo era com o Gençlerbirliği (que eu só conhecia por ter jogado com o Sporting uns anos antes, numa competição europeia que não correu nada bem...) e que ele próprio me compraria o bilhete. Só precisava de lhe deixar o dinheiro...

Esta é a altura certa para voltar a lembrar que estamos em Dezembro e que Istambul é uma cidade com características muito especiais. Nos primeiros dias, a temperatura rondou os vinte graus mas, de um dia para o outro, passou a temperaturas negativas. Naquela manhã estava um frio de rachar e a previsão era de temperaturas negativas para

a noite! Por esse motivo, disse ao recepcionista para me comprar o bilhete para a central, onde pudesse ficar abrigado da chuva e da neve. Ele disse-me logo que não havia problema e que me comprava os melhores lugares do estádio! Combinámos que ao final da tarde podia passar por lá a apanhar o bilhete e assim fiz. Nessa altura perguntei ao outro recepcionista qual o melhor caminho para o estádio. Ele lá me indicou a estação de metro mais próxima e disse-me que “depois vais ter de andar ainda um bom bocado, mas é fácil dar com o estádio”.

Quando entro no metro, as carruagens vão cheias de malta que vai à “bola”, a cantarem e a fazerem um barulhão! Decidi que o melhor era seguir aquela malta até ao estádio para não me perder. Saímos do metro e eu acompanho-os, relativamente de perto, para ter a certeza que não me perdia. Andámos aquilo que me pareceu, mais ou menos, um quilómetro e comecei a ver o estádio. Quando já estamos a uns duzentos metros da entrada aparece um monte de polícias que começam a gritar e a empurrar toda a gente em direcção às portas. Na confusão, fiquei no meio de uma centena ou duas de turcos e fui andando com a “corrente”. Quando percebo que vamos começar a entrar no estádio, já a passar os torniquetes, começo a mostrar o meu bilhete (top-class) aos polícias e aos funcionários, para saber se estava a entrar na porta certa, mas eles não queriam saber de nada disso! Além de não falarem inglês, empurravam toda a gente e gritavam em tom ameaçador!

Não me restou outra alternativa senão entrar com a claque do Galatasaray e ficar, obviamente, num dos topos totalmente a descoberto! A partir daí só me restava aguentar a neve miudinha a bater-me na testa durante 90 minutos e, talvez, bater palmas de vez em quando para aquecer... O jogo não foi grande coisa; o “Gala” até perdeu (0-2) contra uma equipa que estava mesmo lá para o final da tabela. Após o primeiro golo, começo a ver a maior “enxurrada” de cadeiras a voar para o relvado que alguma vez vi na vida! O estádio estava “meia casa” e, naquela zona da claque, toda a gente (mesmo!) se entretinha a arrancar cadeiras vermelhas e a mandá-las para a zona da pista! Pensei “Estes turcos são mesmo doidos! Só porque estão a perder começam logo a arrancar cadeiras à molhada!” Entretanto o jogo encaminha-se para o final e eu estou no ponto mais próximo da hipotermia em que alguma vez estive na vida, mas aguentei firme! Ao meu lado, começo a reparar que toda a gente tem cadeiras arrancadas na mão e algumas pessoas começam a

bater com ferros no cimento. Nisto, o jogo acaba e surge um tipo com uma picareta na mão, daquelas enormes, e começa a malhar no estádio e a partir a bancada aos bocados! A seguir vem outro... E depois outro com uma marreta! Começam a partir a bancada à marretada e foi nessa altura que eu julguei que aquilo já era loucura a mais e pus-me a andar! Ou então estava a delirar com o frio... Sei lá! Só me lembro de pensar “se estes tipos fazem isto num jogo que não conta para nada, imagino quando perdem com um rival daqui de Istambul! Devem explodir o estádio!!!”

Faço o mesmo caminho a pé para o metro, acompanhado por centenas de pessoas, quase todas elas com cadeiras e bocados de cimento na mão. Alguns traziam um monte de cadeiras empilhadas umas nas outras... Surreal! Fui o caminho todo a pensar “se calhar é tradição levar cadeiras para casa como recordação, sei lá... Há tradições para tudo... Ou então servem para vender, porque os turcos fazem negócio com tudo!” Quando finalmente cheguei ao hotel e consegui aquecer um bocadinho, lá perguntei ao tipo da recepção: “Olha lá... O pessoal que foi ao futebol vinha para casa com cadeiras do estádio na mão. Diz-me... Isso é normal?!?!” Foi então que ele lá me explicou: “Não!!! O Galatasaray fez um estádio novo e este jogo foi o último no estádio antigo!” Está explicado...

Árbitro Assistente Internacional, ligado às competições profissionais desde 2007, foi auxiliar de Pedro Proença e é actualmente uma referência da arbitragem nacional.

Antchouet

Tenho muitas histórias, mas há uma da qual o Abílio, que jogou comigo no Leixões, gosta muito. E é engraçada porque tem a ver com a diferença de culturas quando cheguei a Portugal. Em África não temos aquelas brincadeiras típicas dos portugueses. Um dia, até foi no aniversário de um jogador, puseram uma panela cheia de água em cima da porta. Eu estava atrasado, vinha a correr em grande velocidade, e quando empurrei a porta levei com um grande banho em cima. E comecei a ouvir os gajos a rir lá no departamento médico. Fiquei tão enervado que peguei em duas garrafas de champanhe que estavam ali da festa, entrei no departamento médico e gritei: “Quem foi o filho da puta que fez aquilo?” E parti as garrafas com um grande estrondo. O Abílio conta que começou a pensar nos filhos e a temer que os matasse a todos! Ainda hoje diz: “Sabíamos lá que um gajo africano não ia gostar deste tipo de brincadeiras?” E depois saíram disparados do posto médico. Nisto, o Carvalho, que era o treinador, disse-me: “Antchouet, acho melhor ires descansar.” E eu disse que não, que estava bem para treinar. E ele insistiu: “É melhor, os outros hoje não querem treinar contigo.”

É uma das coisas boas em Portugal, brincamos muito. Joguei em muitos países, em Espanha, na Arábia Saudita, na Grécia, até na Índia, e nunca vi um ambiente como em Portugal. A brincadeira faz parte

da vida de uma equipa. Foi das coisas de que mais gostei em Portugal. Se vais para lá, vais ter de te integrar. Quer queiras ou não. E agradeço muito porque hoje Portugal é a minha segunda pátria, a minha segunda língua. Os meus filhos são portugueses, a minha mulher é portuguesa, e é onde vivo. Agora não, porque estou a jogar em França, mas é a minha casa. Vou viver sempre entre África e Portugal. É lá que tenho os meus amigos.

Lembro-me muito do Marco Silva, que agora é treinador, do Abílio, dos gajos mais brincalhões que vi na vida, o Sousa, que jogou comigo no Belenenses, e o Castro, com quem joguei no Moreirense. Se alguém me diz que o Sousa é treinador vou matar-me a rir! E todas as equipas deviam ter um Castro, o meu grande parceiro. Meta aí que o Xuxu deu força e moral, senão ele vai dizer-me: “Xuxu, não dás moral ao capitão?” Em todas as equipas portuguesas, os gajos que me tratavam por Xuxu são meus amigos próximos. Mas esta história acompanha-me. Sempre que mudava de equipa perguntavam-me se esta era verdade. Respondia: “Isso foi uma brincadeira, são aquelas coisas que os gajos fazem.” Ainda por cima foi numa grande temporada do Leixões, com o Abílio, o Besirovic, o Detinho, que foi eleito o jogador mais feio do campeonato português. E fiquei com milhares de histórias só da minha passagem por Portugal. É um país de gente boa.

*Passou pelo Leixões, Belenenses, V. Guimarães, Estoril e Moreirense,
deixando saudades pelos golos e simpatia que transmitiu.
Aos 35 anos continua a marcar pelos franceses do FC Gobelins.*

Artur

Eu devia ter nascido 10 anos mais tarde, era para ter nascido agora. Deus me livre, apanhei muito! Peguei Baresi, Fernando Couto, peguei esses caras todos aí. Hoje é uma garapa! Aquela nossa equipa do FC Porto hoje era campeã europeia.

O Boavista foi um clube muito especial para mim, foi onde tudo começou. Tive um grande treinador, o Manuel José, que me orientava muito, cobrava-me demais porque sabia que eu poderia ter algo para dar, e isso foi fundamental. O Boavista viu-me através de uma casete de vídeo. Eu estava no Remo e queriam ver-me pessoalmente para confirmar se eu era o mesmo jogador que estava nessa casete e eu falei no Remo que ia na boa, porque aquilo que jogava no Brasil ia jogar em Portugal, não tinha que inventar. O Pinto da Costa também tinha visto essa casete e pediu ao Carlos Alberto Silva, que era o treinador do FC Porto, para me ir ver a Belém, mas o treinador disse que já tinham um avançado, que era o Paulinho McLaren, antigo artilheiro no Santos. O presidente insistiu, “vai lá ver esse garoto”, mas ele não foi.

Chego ao Boavista e participo num torneio da cidade do Porto que tinha o FC Porto, Hamburgo, Vasco da Gama e Boavista. Cheguei e vi o Boavista vencer o Hamburgo, o FC Porto venceu o Vasco e a final foi entre o Boavista e o FC Porto. O Manuel José perguntou-me se gostaria

de jogar e eu falei: “Estou bem, estava jogando no Brasil. Tranquilo, sem problema.” Antes do jogo o Marlon disse-me: “Bola que eu pegar eu te procuro.” Respondi: “Beleza! Bola que eu pegar também te vou procurar.” Foi o meu primeiro jogo. Acabámos por ganhar esse torneio e fiz um grande golo. Fazer um golo e dar logo uma conquista, ainda por cima o Boavista nunca tinha vencido esse torneio, acabou por mudar a minha vida. Depois o pessoal do FC Porto não queria que eu assinasse pelo Boavista, diziam que tinham-me visto primeiro, mas o Boavista tinha a preferência de compra e acabei por ficar no Bessa. Foi muito bom, aprendi muito e foi um clube muito especial na minha vida.

O Marlon foi o primeiro amigo que fiz quando cheguei a Portugal. Foi um cara que me ajudou demais, um amigão mesmo! E ainda coincidimos com o Ricky no ataque do Boavista. É engraçado, conquistámos uma Supertaça, frente ao FC Porto, nas Antas, e o Manuel José botou o time fechado, só com o Ricky na frente, eu e o Marlon no banco. Estivemos aguentando até que o FC Porto fez o 1-0. Nós entrámos e ganhámos 2-1, eu fiz um golo e ele outro. Tínhamos uma equipa difícil, o FC Porto não ganhava à gente. Fazia quase sempre golos ao FC Porto.

E tinha um paizão no Boavista! O major Valentim Loureiro era mais do que um presidente para mim. Foi uma pessoa que me ajudou muito. E a minha ida para o FC Porto foi uma decisão dele também, até porque tínhamos várias propostas de clubes do estrangeiro e ele aconselhou-me a ir para o FC Porto. Dizia que tinha de sair de Portugal sendo campeão e, graças a Deus, isso aconteceu. No FC Porto fui campeão nacional, disputei a Champions e tive um reconhecimento maior no Brasil.

Um episódio que marcou a minha carreira foi a minha estreia na Champions, contra o AC Milan, no San Siro. Ganhámos 3-2, dois golos do Jardel e um meu. Enfrentei jogadores que só via pela televisão quando estava aqui na minha cidade, em Rio Branco, e depois estive ali ao lado de Maldini, Baresi, Roberto Baggio, George Weah... O Milan tinha um timaço e logo na estreia da Champions marquei um golo. Lembro-me que os meus amigos queriam agarrar-me e eu só queria correr! Foi uma alegria muito grande, marcou-me demais.

Lá no FC Porto tínhamos as nossas brincadeiras, a gente aprontava muito. Tínhamos uma poltrona muito grande e quando chegava um jogador novo ele era convencido a sentar-se lá. Todo o mundo ficava ao redor dele à conversa, ele estava ali sentado e despejavam um balde de

água gelada em cima do cara! Geralmente quem fazia isso era o Paulinho Santos ou o João Pinto. Quando chegava um jogador novo já sabíamos que ia haver esse banho.

No Boavista, nos dias de banhos e massagens, na sauna, a gente jogava água gelada no Bobó e ele ficava louco! Não suportava água gelada, saía correndo atrás de nós, e quando pegava a gente dava cabeçadas! A gente divertia-se, mas tínhamos de jogar e correr, porque se ele pegasse, meu amigo...

Tive jogos fantásticos no FC Porto, como o 5-0 na Luz, na decisão da Supertaça. Foi um jogo perfeito, tudo o que fiz deu certo. Tive a nota máxima nos jornais e marcou-me muito porque no final do jogo fui ao controlo anti-doping e no caminho passei pelo treinador do Benfica, Paulo Autuori, pelos dirigentes, e recebi os parabéns do maior jogador que Portugal teve, o Eusébio. Você chegava ao Estádio da Luz, via a estátua e sabia o que ele representava, até porque tive oportunidade de ver os vídeos dele. Quando estávamos em viagem, principalmente quando jogava no Boavista, víamos uma cassete dele que mostrava os golos que ele fazia e a gente brincava muito com isso. Então quando um jogador chutava de longe, a gente falava logo: “Tá bom, Eusébio.” Além do grande jogo e do golo que fiz, foi especial receber os parabéns do maior jogador português de todos os tempos. Essa imagem fica gravada na minha mente para o resto da vida. Quando chegas perto de uma pessoa que foi o máximo, tu abalas, tu tremes, e isso marcou-me muito até porque eu era para ter sido jogador do Benfica e não fui por causa de uma briga com os dirigentes do Boavista, depois de uma discussão do Gaspar Ramos com o major. Tinha tudo acertado para ir para o Benfica. O Paulo Autuori e o Toni foram ao Porto conversar comigo e eu fiquei muito feliz, era um treinador com o qual gostaria muito de ter trabalhado, mas depois houve esse problema e eu acabei por ir para o FC Porto. É porque não tinha de ser. E depois ganhar lá aquela Supertaça foi muito especial.

Chegou a Portugal em 1992 e, em quatro épocas no Boavista, marcou 56 golos. Foi para o FC Porto onde venceu três campeonatos, uma Taça e três Supertaças antes de regressar ao Brasil.

Balakov

Quando vim para o Sporting Clube de Portugal, o empresário que fez o negócio com o Sousa Cintra, presidente da altura, foi o Lucídio Ribeiro. Eu estava numa equipa que foi nesse ano campeã da Bulgária, era jogador da Selecção Nacional e o Lucídio Ribeiro teve várias conversas connosco até que aceitámos ir fazer exames médicos ao Sporting. Fui comprado por um milhão e duzentos mil dólares; em 1990 não acontecia todos os dias. O mercado búlgaro abriu em 1989, a seguir à queda do regime comunista e eu saí logo depois.

Ao chegar ao aeroporto de Lisboa tinha à espera o presidente Sousa Cintra, vários directores e o preparador físico Terzinsky, também búlgaro e que na altura trabalhava no Sporting. Cumprimentei toda a gente, o Sousa Cintra fez várias perguntas, eu não falava português e ele só se ria.

O treinador era o Marinho Peres e no início nós não comunicávamos bem. Eu não jogava, só entrei ao terceiro ou quarto jogo e a partir daí não saí da equipa. Passados dois ou três meses ouvi dizer que tinha sido comprado para ponta-de-lança. Eu nunca joguei a ponta-de-lança!

Muito tempo depois, o Terzinsky lá me explicou que no aeroporto o Sousa Cintra tinha perguntado se eu é que era o ponta-de-lança. Eu não sou grande, tenho 1,76 m e sempre joguei no meio-campo. E foi como médio que saí da Bulgária, nunca pensei que tinha sido vendido pelo

Lucídio Ribeiro como ponta-de-lança. Por isso é que o Sousa Cintra não parava de rir.

O Marinho Peres também pensava que eu era ponta-de-lança, e até todos ficarem esclarecidos passou um mês. Depois o Terzinsky contou-me que o Sousa Cintra no aeroporto disse “não sei se é ponta-de-lança, mas ele tem cara de jogador, de grande craque.” Aceitou ficar comigo à mesma e foram uns anos maravilhosos.

Passou cinco épocas em Alvalade onde, apesar do talento e dos seus 60 golos, apenas venceu uma Taça de Portugal. Contudo, tornou-se num dos melhores jogadores estrangeiros da história do clube.

Basaula

Esta história passa-se no final da primeira época em que estive em Guimarães. Naquela altura só podiam jogar dois estrangeiros e no Vitória éramos três logo no meio-campo, tinham sempre de optar. Quis sair, até porque houve um atraso na minha preparação; mal cheguei tive uma úlcera e fiquei um mês no hospital. Perdi o comboio em relação aos outros. Era segunda opção, até entrava muito, mas só para o final é que joguei mais ou menos. Aquela era das melhores equipas que o Vitória teve, com o Paulinho Cascavel, o Ademar, tudo grandes jogadores.

Pedi para sair e fui para Elvas de carro, mas não sabia o caminho, andei a viagem inteira perdido. E quando saí de Guimarães pensava que ia jogar para uma equipa da segunda divisão, pois o Elvas tinha descido. Mas foi no ano do caso Mapuata, e então durante o caminho saiu a notícia de que o Elvas ficava na primeira. Ouvi, mas não percebia português, ouvia “Elvas”, “primeira divisão”, então parei num café para perguntar o que é que se passava e uns gajos disseram “o Elvas ficou na primeira!” Passado pouco tempo o presidente liga-me e diz que temos de anular o contrato, porque o Elvas não desceu e ele não me queria deixar ir para uma equipa da primeira divisão. Eu disse logo que não, já estava decidido, fica assim. E foi.